



UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
GERÊNCIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIA DO ENSINO DE CIÊNCIAS



DENISE DE CASSIA NEGRÃO

**CONTEXTUALIZAÇÃO DO ENSINO DE QUÍMICA: MOTIVANDO
ALUNOS DE ENSINO MÉDIO**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2011

DENISE DE CASSIA NEGRÃO



**CONTEXTUALIZAÇÃO DO ENSINO DE QUÍMICA: MOTIVANDO
ALUNOS DE ENSINO MÉDIO**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Metodologia do Ensino em Ciências, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Campus Medianeira.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Arioli

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

MEDIANEIRA

2011



TERMO DE APROVAÇÃO

CONTEXTUALIZAÇÃO DO ENSINO DE QUÍMICA: MOTIVANDO ALUNOS DE ENSINO MÉDIO

Por

Denise de Cássia Negrão

Esta monografia foi apresentada às 09:00 horas do dia 02 de Julho de 2011 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no curso de Especialização em Metodologia do Ensino em Ciências, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado

Prof. Dr. Rafael Arioli
UTFPR – Campus Medianeira
(orientador)

Prof^a. Dra. Carla Daniela Câmara
UTFPR – Campus Medianeira

Prof. Dr. Adelmo Lowe Pletsch
UTFPR – Campus Medianeira

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família que me ajudou nesta caminhada concedendo a mim a oportunidade de me realizar ainda mais.

AGRADECIMENTOS

A todos os professores e seus convidados pelo carinho, dedicação e entusiasmo demonstrado ao longo do curso.

Às nossas famílias pela paciência em tolerar a nossa ausência.

E a DEUS pela oportunidade e pelo privilégio que nos foram dados em compartilhar tamanha experiência e, ao frequentar este curso, perceber e atentar para a relevância de temas que não faziam parte, em profundidade, das nossas vidas.

“Que ninguém jamais se aproxime de você
sem se retirar melhor e mais feliz”
(Madre Teresa)

RESUMO

NEGRÃO, Denise de Cássia. Contextualização do ensino de química: motivando alunos de ensino médio, 30 folhas. Monografia de Especialização em Metodologia do Ensino em Ciências. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2011

No mundo moderno é de suma importância que o jovem estudante tenha motivação em desenvolver atividades com a disciplina de química, onde o mesmo reconheça o valor da ciência na busca do conhecimento da realidade objetiva e a insira no cotidiano. Para alcançar esta meta busca-se trabalhar contextos que tenham significado para o aluno e possam leva a aprender, num processo ativo. Dessa forma este trabalho visa contextualizar e inserir a interdisciplinaridade nas aulas de química, com objetivo maior de motivar os alunos e formar novos cidadãos mais conscientes. Neste enfoque, procurou-se buscar alternativas que restaurem o conhecimento do ensino de química, utilizando recursos simples e de baixo custo, através de aulas práticas e atividades lúdicas realizadas na escola particular Betta Foz do Iguaçu, PR. A metodologia usada foi a pesquisa exploratória de abordagem qualitativa e quantitativa, onde buscou-se conhecimento junto aos autores sobre o tema exposto e através da pesquisa descritiva com direcionamento em entrevista ao público alvo. Mediante a análise dos questionários, pôde-se ter uma idéia dos anseios e das carências de conteúdos de química, e a partir daí planejar as atividades, procurando atender as expectativas da turma. Desta forma puderam-se obter informações dos professores sobre os anseios e carências do ensino. .

Palavras-chave: Interdisciplinariedade, motivação, conhecimento.

ABSTRACT

NEGRÃO, Denise Cássia. Contextualization of the teaching of chemistry: motivating middle school students, 30 pages. Monograph of Specialization in Teaching Methodology of Science. Universidade Tecnológica Federal do Parana, Medianeira, 2011

The modern world we live in is of utmost importance that the young student has motivation in developing activities with the discipline of chemistry, where it recognizes the value of science in pursuit of knowledge of objective reality and enter into everyday life. To achieve this goal we seek to work contexts that have meaning for students and can lead to learning in an active process. Thus this work aims to contextualize and embed the interdisciplinary nature of chemistry classes, with the larger goal of motivating students and train new people more aware. In this approach, we tried to find alternatives to restore the knowledge of chemistry teaching, using simple features and low cost, through classes and recreational activities undertaken in the private school Betta Foz do Iguaçu, PR. The methodology used was the exploratory research of qualitative approach, which seeks to knowledge together with the authors on the subject above and through the descriptive / qualitative guidance in an interview to the target audience and by analysis of the questionnaires, it might have an idea the desires and needs of the content of chemistry, and from then plan the activities, striving to meet the expectations of the class. Initially, student participation was very effective and has made them realize that science is part of their lives.

Keywords: Interdisciplinary, motivation, knowledge

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização Geográfica do Município de Foz do Iguaçu.	18
Figura 2 – Localização Geográfica das 12 regiões que formam o Município de Foz do Iguaçu – PR.	19
Figura 3 - Tipo de brincadeira que mais desenvolve a socialização e incentivos na criança.	20
Figura 4 - Uso de brincadeiras educativas como ferramenta de trabalho.	21
Figura 5 - Reação das crianças frente atividades e aprendizagem.	22
Figura 6 - Incentivo da Instituição ao docente.	23
Figura 7 - Disposição de espaço na instituição.	24
Figura 8 - Aceitação dos pais brincadeiras x aprendizagem.	25

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1 A CONTEXTUALIZAÇÃO DO ENSINO DE QUÍMICA NA TECNOLOGIA ATUAL.....	14
3 CONTRIBUIÇÃO DO TRABALHO PARA O ENSINO DE CIENCIAS	17
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	18
4.1 LOCAL DE ESTUDO.....	18
4.2 TIPO DE PESQUISA E TÉCNICAS DA PESQUISA.....	19
4.3 RESULTADO E DISCUSSÕES.....	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES	27
6 CONCLUSÃO	26
REFERÊNCIAS	27
APÊNDICES	29
APÊNDICES A	30

1. INTRODUÇÃO

Em sala de aula observa-se a dificuldade dos alunos em compreender conteúdos das ciências exatas, principalmente a química, portanto a necessidade de se conhecer novos métodos de ensino que estimulem e facilitem o aprendizado dos alunos. Estudos relatam que esta dificuldade pode ser superada/minimizada através da utilização de aulas experimentais ou atividades lúdicas que o auxilia na compreensão dos temas abordados e em suas aplicações no cotidiano, já que proporcionam uma relação entre a teoria e a prática.

O Ensino de Química é, em geral, tradicional, centralizando-se na simples memorização e repetição de nomes, fórmulas e cálculos, totalmente desvinculados do dia-a-dia e da realidade em que os alunos se encontram, tornando as aulas monótonas e maçantes.

Por outro lado, quando o estudo da Química facilita aos alunos o desenvolvimento de uma visão crítica do mundo que os cerca, seu interesse pelo assunto aumenta, pois lhes são dadas condições de perceber e discutir situações relacionadas a problemas sociais e ambientais do meio em que estão inseridos, contribuindo para a possível intervenção e resolução dos mesmos. Uma proposta que contribui para a mudança desse ensino tradicional é a utilização de jogos, aulas praticas e atividades lúdicas.

Os jogos agem como motivadores e facilitam o processo de ensino e aprendizagem na química. Destaca-se que o objetivo dos jogos ou das atividades lúdicas não se resume apenas a facilitar que o aluno memorize o assunto abordado, mas sim a induzi-lo ao raciocínio, à reflexão, ao pensamento e, conseqüentemente, à (re)construção do seu conhecimento.

A idéia de contextualização surgiu com a reforma do ensino médio, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB-9.394/97) que orienta a compreensão dos conhecimentos para uso cotidiano. Originou-se nas diretrizes que estão definidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 2004), os quais visam um ensino de química centrado na interface entre informação científica e contexto social. Contextualizar a química não é promover uma ligação artificial entre o conhecimento e o cotidiano do aluno. Diante do exposto, se faz necessário a prática de um ensino mais contextualizado, onde se pretende relacionar os conteúdos de química com o

cotidiano dos meninos e das meninas, respeitando as diversidades de cada um, visando à formação do cidadão, e o exercício de seu senso crítico.

Diante disso, faz-se necessários estudos com ênfase maior na questão metodológica e viabilização de atividades lúdicas em sala de aula. Assim este trabalho tem como objetivo geral buscar motivar os alunos a participarem das aulas diferenciadas, tornando-as mais dinâmicas, proporcionando o desenvolvimento dos conteúdos, segundo os seus anseios e de uma forma mais significativa e centralizando os objetivos específicos, como: identificar os fatores que motivem os alunos a se entusiasmarem pela disciplina, observar se há ajuda da comunidade e do mantenedor para se aplicar esse tipo de atividade, se há espaço na escola e se os alunos aceitam as atividades diferenciadas em sala.

Em suma, o principal objetivo da química é que o jovem reconheça o valor da ciência na busca do conhecimento da realidade objetiva e a insira no cotidiano. Para alcançar esta meta busca-se trabalhar contextos que tenham significado para o aluno e possam levar a aprender, num processo ativo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A CONTEXTUALIZAÇÃO DO ENSINO DE QUÍMICA NA TECNOLOGIA ATUAL

O mundo atual exige que o estudante se posicione, julgue, tome decisões e seja responsabilizado por isso. Essas são capacidades mentais construídas nas interações sociais vivenciadas na escola, em situações complexas que exigem novas formas de participação. Conforme Abel Coelho: “Um projeto pedagógico escolar adequado não é avaliado pelo número de exercícios propostos e resolvidos, mas pela qualidade das situações propostas, em que os estudantes e os professores, em interação, terão de produzir conhecimentos contextualizados.”

Portanto, espera-se que os alunos não sejam apenas reprodutores de teorias e conteúdos, e sim que o aluno consiga unir esses fragmentos de conteúdos e uni-los de forma mais multidisciplinar, ou seja, contextualizando. O diálogo entre as disciplinas é favorecido quando os professores dos diferentes componentes curriculares focam como objeto de estudo os fenômenos naturais e artificiais e as aplicações tecnológicas.

A ciência, por ser uma matéria ampla, foca varias frentes, tais como: fisiologia, tecnologia, genética, meio ambiente, entre outras. Assim, facilita e permite organizar e estruturar, de forma articulada, os temas sociais, os conceitos e os conteúdos associados à formação humano-social, na abordagem de situações reais facilitadoras de novas ações conjuntas.

A química como sendo uma parte da ciência, espera-se que consiga também ser trabalhada de forma multidisciplinar. E que ela seja valorizada, na qualidade de instrumento cultural essencial na educação humana, como meio co-participante da interpretação do mundo e da ação responsável na realidade.

Segundo o que foi estabelecido no PCNs, 2004, [...] a Química pode ser um instrumento da formação humana que amplia os horizontes culturais e a autonomia no exercício da cidadania, se o conhecimento químico for promovido como um dos meios de interpretar o mundo e intervir na realidade, se for apresentado como ciência, com seus conceitos, métodos e linguagens próprios, e como construção

histórica, relacionada ao desenvolvimento tecnológico e aos muitos aspectos da vida em sociedade.

A proposta apresentada para o ensino de Química no PCN se contrapõe à velha ênfase na memorização de informações, nomes, fórmulas e conhecimentos como fragmentos desligados da realidade dos alunos. Ao contrário disso, pretende que o aluno reconheça e compreenda, de forma integrada e significativa, as transformações químicas que ocorrem nos processos naturais e tecnológicos em diferentes contextos, encontrados na atmosfera, hidrosfera, litosfera e biosfera, e suas relações com os sistemas produtivo, industrial e agrícola.

Nota-se que o processo de ensino/aprendizagem de química nas salas de aula ainda não está muito compatível com as necessidades dos alunos e com os preceitos que levam a uma significativa aprendizagem. Observa-se de forma geral, nos programas escolares, é que persiste a idéia de um número enorme de conteúdos a desenvolver, com detalhamentos desnecessários e anacrônicos. Dessa forma, os professores obrigam-se a “correr com a matéria”, amontoando um item após o outro na cabeça do aluno, impedindo-o de participar na construção de um entendimento fecundo sobre o mundo natural e cultural. São visivelmente divergentes o ensino de Química no currículo praticado e aquele que a comunidade de pesquisadores em Educação Química do país vem propondo.

Vários estudos e pesquisas mostram que o Ensino de Química é, em geral, tradicional, centralizando-se na simples memorização e repetição de nomes, fórmulas e cálculos, totalmente desvinculados do dia-a-dia e da realidade em que os alunos se encontram. A Química, nessa situação, torna-se uma matéria maçante e monótona, fazendo com que os próprios estudantes questionem o motivo pelo qual ela lhes é ensinada, pois a química escolar que estudam é apresentada de forma totalmente descontextualizada.

Uma proposta que contribui para a mudança desse ensino tradicional é a utilização de jogos e atividades lúdicas. A aprendizagem vai ser influenciada devido à relação emocional e pessoal que o estudante estabelece quando está jogando, tornando-se sujeito ativo do processo de ensino e aprendizagem no qual se insere diretamente, ou seja, ele vai aprender enquanto brinca. Como as atividades lúdicas integram e acionam as esferas motora, cognitiva e afetiva dos seres humanos, elas, ao trabalharem o lado emocional do aluno, influenciam diretamente o processo de ensino e aprendizagem.

Para Vygotsky (1988, p.42), o aluno exerce um papel ativo no processo de aprendizagem, por apresentar condições de relacionar o novo conteúdo a seus conhecimentos prévios, e o professor se torna o responsável por criar zonas de desenvolvimento proximal, ou seja, proporciona condições e situações para que o aluno transforme e desenvolva em sua mente um processo cognitivo mais significativo. Em síntese, as atividades lúdicas não levam à memorização mais fácil do assunto abordado, mas induzem o aluno a raciocinar, a refletir.

3 CONTRIBUIÇÃO DO TRABALHO PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS

O ensino de ciências é pautado por vários objetos que visam à aprendizagem do aluno enquanto ser atuante da sociedade, contendo os elementos teóricos e práticos que auxiliam a assimilação dos conteúdos por parte do aluno, cabendo ao professor o papel de subsidiar de maneira significativa esta aprendizagem.

Desta forma este trabalho visa contextualizar e inserir a interdisciplinaridade nas aulas de química, com objetivo maior de motivar os alunos e formar novos cidadãos mais conscientes. Neste enfoque, procurou-se buscar alternativas que restaurem o conhecimento do ensino de química, utilizando recursos simples e de baixo custo, através de aulas práticas e atividades lúdicas.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 LOCAL DE ESTUDO

O trabalho foi realizado no município de Foz do Iguaçu, situada no extremo oeste do Paraná, na fronteira do Brasil com o Paraguai e a Argentina. Possui população estimada de 266.771, com uma área total de 433,3 km², situada na latitude sul 25° 32' 45" e longitude oeste 54° 35' 07", como pode ser observado na Figura 1.



Figura 1 – Localização Geográfica do Município de Foz do Iguaçu - PR.(1995).

A abordagem deste projeto esteve centrada na identificação dos fatores de motivação e a aplicação de temas contextualizados em aulas de química para professores do primeiro e terceiro ano do ensino médio do Colégio particular Betta, situado nesta cidade, na Rua Porto Alegre 144, Jardim laranjeiras (R-5), como pode ser verificado na Figura 2.

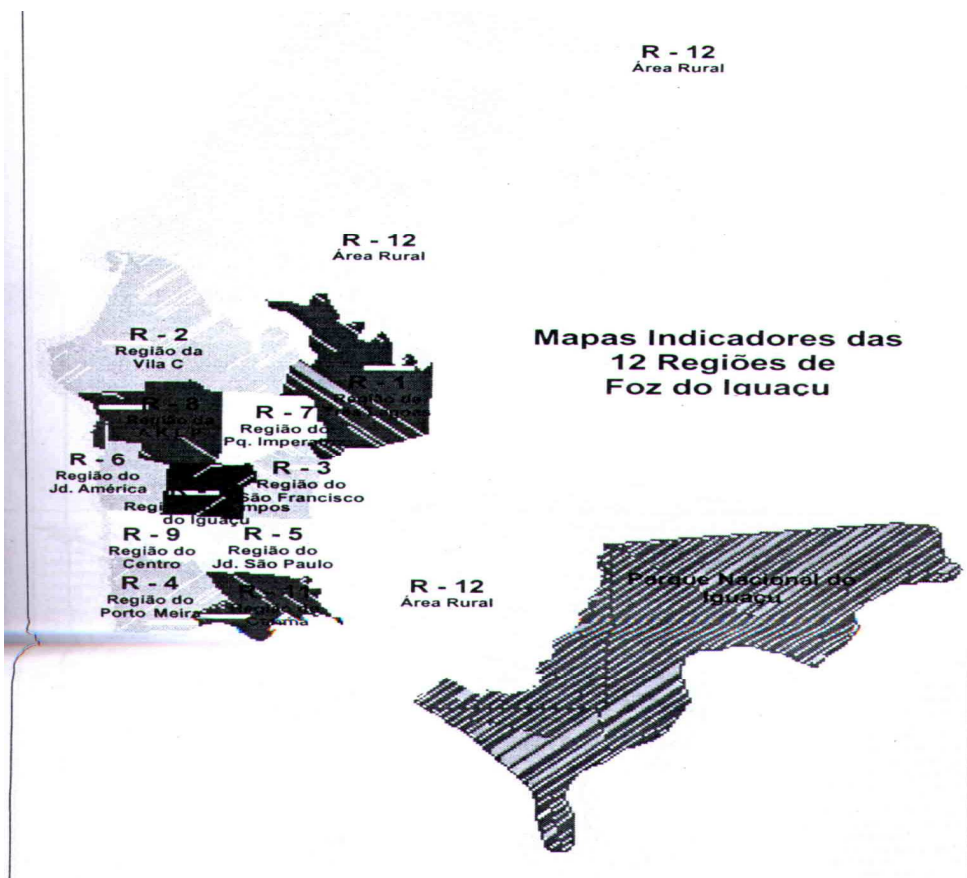


Figura 2 – Localização Geográfica das 12 regiões que formam o Município de Foz (1995).

4.2. TIPO DE PESQUISA E TÉCNICAS DA PESQUISA

A pesquisa elaborada no projeto foi exploratória. Realizou-se a pesquisa de campo junto ao universo de 12 professores do colégio particular Betta, estando na faixa etária de 25 a 50 anos de idade, no período de estágio.

A coleta de dados foi realizada por meio da entrega de um questionário (apêndice). Ele constituiu-se de perguntas fechadas, sendo composto de 6 (seis) questões, e foram elaboradas tendo como base os objetivos que se desejava alcançar.

Os dados coletados foram agrupados, analisados e descritos quantitativamente e qualitativamente, a partir de apresentações percentuais de variáveis categóricas. Neste tipo de estudo, buscou-se observar, registrar, analisar e interpretar quais os fatores que influenciam a motivação dos alunos em obter a

aquisição do saber em química, como uma ciência presente no seu dia-a-dia e importante para a preservação da vida do planeta.

4.3 RESULTADO E DISCUSSÕES

Com base no questionário, a Figura 3 apresenta os dados da coleta referente ao tipo de atividades que mais desenvolve a socialização e a aprendizagem dos adolescentes em sala de aula. Como resposta ao questionário, os professores tinham as seguintes alternativas: lúdica, com regra ou sem regra.

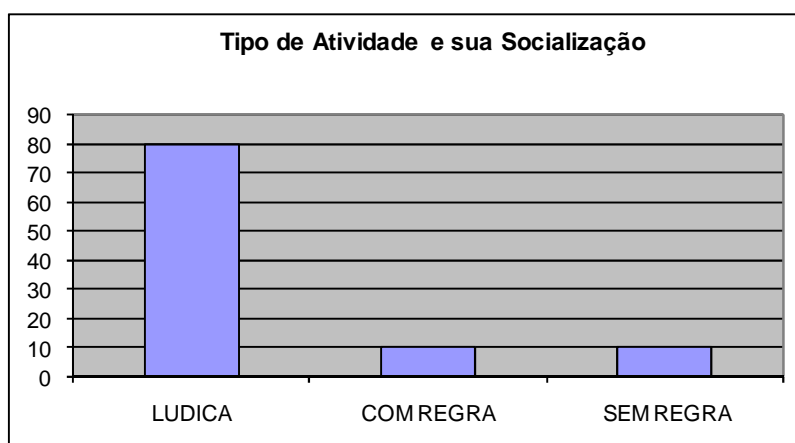


Figura 3 – Tipo de brincadeira que mais desenvolve a socialização e incentivos na criança.

Como se pode observar, 80% dos professores acha que as atividades lúdicas ajudam no processo de socialização e as incentivam no processo da aprendizagem. E 10% dos professores afirmaram que as brincadeiras com regras, que seriam apresentações em grupos na sala de aula ajudam no processo de socialização. Para as brincadeiras sem regras (provas e atividades em sala) 10% dos professores concordam que podem levar a criança à socialização.

Para o autor WINNICOTT (1975, p. 81), a brincadeira fornece a organização das relações emocionais proporcionando o desenvolvimento de contatos sociais, e assume a função de elo da responsabilidade por construir outras atividades, entre a relação do indivíduo com a realidade externa.

Para Vygotsky (1998, p. 154), a imitação é uma situação muito utilizada pelas crianças, porém não deve ser entendida como mera cópia de um modelo, mas uma reconstrução individual daquilo que é observado nos outros. Desta forma, é importante salientar que crianças também aprendem com crianças, em situações informais de aprendizado, por exemplo. É comum vermos o quanto às crianças aprendem a montar e desmontar brinquedos, ou mesmo a andar de bicicleta ou de patins, a partir da observação de outros(as) colegas.

A Figura 4 refere-se à seguinte questão: Você usaria atividade lúdica em sala de aula como ferramenta de trabalho? Como resposta os professores tinham as seguintes alternativas: sim ou não.

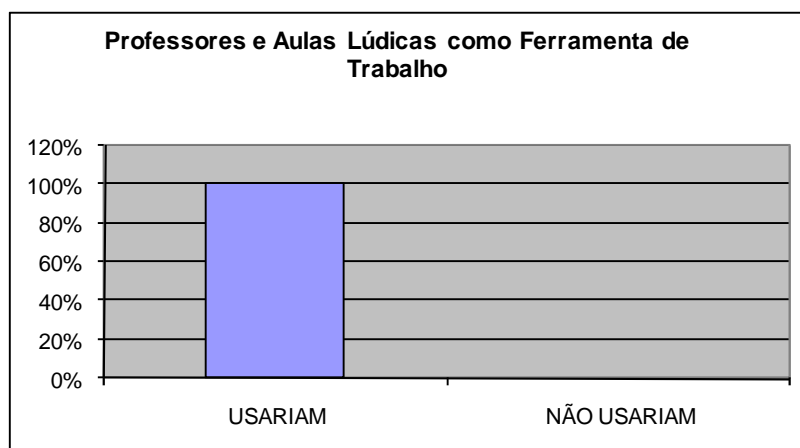


Figura 4 – Uso de brincadeiras educativas como ferramenta de trabalho.

Junto à resposta dos professores 100% respondeu que sim, usariam os jogos e brincadeiras como ferramenta de trabalho, por serem melhores recursos para a aprendizagem de novos conteúdos, principalmente nas matérias de biologia, química e física, visto que são matérias mais complexas para os estudantes iniciantes.

Mesmo os professores sabendo da grande importância das aulas lúdicas e os jogos no processo de aprendizagem dos alunos, a realização prática dessas atividades é pouco desenvolvida devido a grande quantidade de matéria a ser trabalhada anualmente nas poucas aulas semanais para ministrar o conteúdo. Outro fator levantado pelos professores mediante esta questão foi a falta de tempo em preparar este tipo de aula diferenciada.

Sobre a importância das atividades lúdicas Lima (2004) diz: brincar desenvolve o domínio psicológico em constantes transformações, aquilo que a criança é capaz de fazer com ajuda hoje, amanhã ela conseguirá fazer sozinha. E por isso a brincadeira é um excelente recurso para ser usado na escola, por ser parte essencial da sua natureza, favorecendo processos que estão em formação, como outros que serão completados.

Porém hoje, ao se entender a criança como sujeito imerso na cultura e com sua forma singular de agir e pensar, não se pode deixar de pensar no tempo e no espaço da brincadeira como a própria forma de a criança conhecer e transformar o mundo em que vive.

Na Figura 5 são apresentados os dados sobre a reação dos alunos frente as atividades diferenciadas. Gostaríamos que os professores relatassem se as crianças gostam ou não dessas atividades em sala de aula. Como resposta, portanto, os professores tinham as seguintes alternativas: aceitam ou não aceitam.

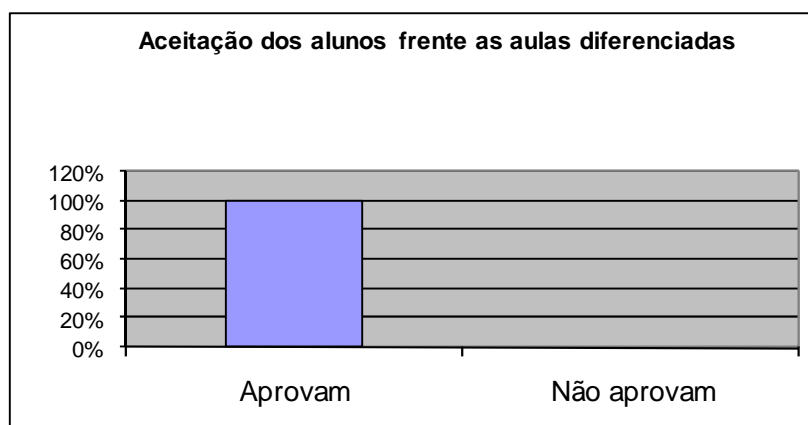


Figura 5 – Reação das crianças frente atividades de aprendizagem.

Todos os professores entrevistados afirmaram que os alunos aceitam bem as atividades lúdicas em sala como método de aprendizagem. Isto é bem visível quando se questiona a um aluno ao final do ano letivo qual a aula mais interessante que ele teve durante o ano, ele dirá que foi aquela em que ele teve uma atividade diferenciada e não a aula ministrada de forma tradicional.

A criança torna-se capaz de desenvolver operações concretas de caráter infra-lógico, tais como as conservações físicas (conservação de quantidade de

matéria, de peso, de volume) e a constituição do espaço (conservações de comprimento, superfície, perímetro, horizontal e vertical) em frente de quaisquer atividades de brincadeira, basta incentivos (FERREIRA, 1995, p.52).

Na Figura 6 submete-se a questão ao incentivo da instituição ao docente frente a atividades lúdicas em sala de aula. Como resposta a esta questão os professores tinham as seguintes opções: incentivam ou não incentivam.

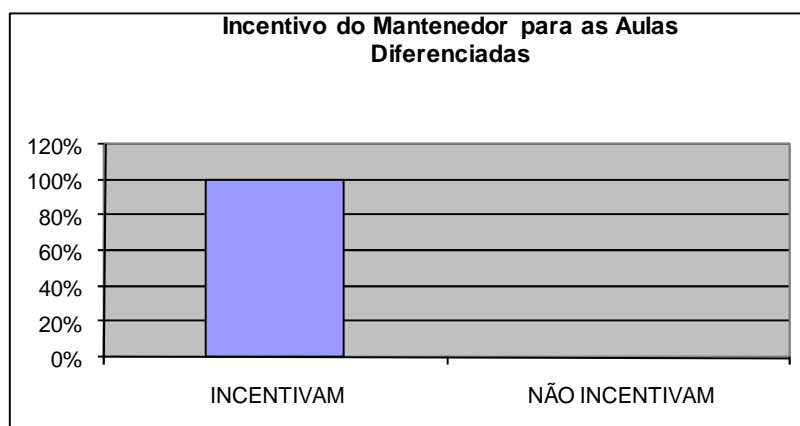


FIGURA 6 - Incentivo da instituição ao docente.

Como resposta a esta questão obteve-se 100% de incentivo do órgão mantenedor do colégio, pois este ajuda e auxilia para que as aulas se tornem mais dinâmicas e menos tradicionais. A direção segue a seguinte linha: aulas diferenciadas são mais atrativas, dinâmicas e os alunos aprovam e aprendem com mais facilidade, os alunos gostam e divulgam atraindo mais alunos, portanto mais clientes.

Na concepção de Bolt, (1994, p. 32), uma competente administração da prática social da educação, no espaço sócio-política escolar, responde exigências de um novo, já posto na produção material da existência humana. Ela consolida a nova base de material das relações, que é o próprio objeto do trabalho escolar. Contribui decisivamente para que a humanidade se qualifique com e para o tempo livre que está conquistando, oportunizando a todos e a cada um a se construir efetivamente como gente, com direito e poder para a celebração do pensar e aprender, para a riqueza do convívio e do encontro a parceiros e para o encantamento da admiração.

A participação da gestão escolar implica no poder real de tomar parte ativa no

processo educacional, tanto no nível micro-social como no macrosocial, por parte de todos os envolvidos nesse processo, ou seja, os alunos, pais de alunos, professores, administradores do sistema educacional e da escola e inclusive grupos sociais organizados.

A Figura 7 refere-se a seguinte questão: Como se encontra a disposição do espaço para as aulas lúdicas no colégio Beta. Como resposta os professores tinham as seguintes alternativas: Adequado, Inapropriado ou Improvisado.

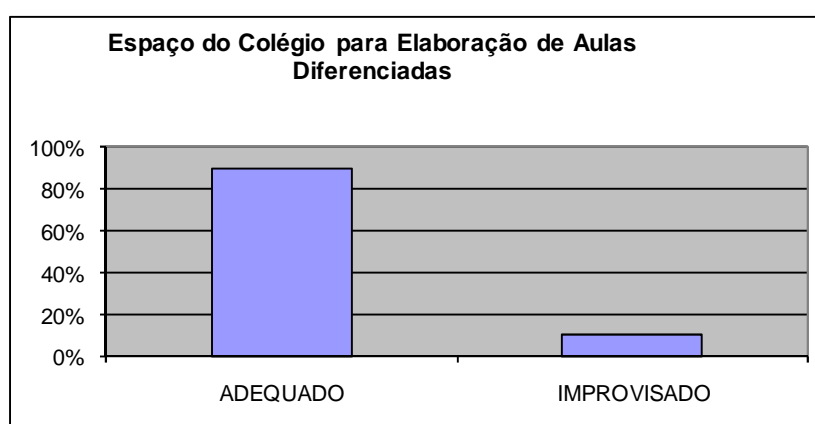


Figura 7 – Disposição de espaço na instituição.

A questão da disposição de espaços no recinto escolar é de suma importância para atividades recreativas. 90% do público entrevistado disseram que tem espaço adequado para a realização das atividades de aprendizagem e 10% disseram que o espaço é improvisado.

De acordo com Brougere (2002): “Assim, cuidar inclui preocupações que vão desde a organização dos horários de funcionamento da escola, compatíveis com a jornada de trabalho dos responsáveis pela criança, passando pela organização do espaço, pela atenção aos materiais que são oferecidos como brinquedos, pelo respeito às manifestações da criança (de querer estar sozinha, de ter direito aos seus ritmos, ao seu "jeitão") até a consideração de que a creche não é um instrumento de controle da família, para dar apenas alguns exemplos, esses cuidados se organizam para que homens e mulheres que também são pais e mães possam exercer de forma mais ampla seus papéis como tal, mas também como cidadãos(ãs) trabalhadores(as).”

Portanto, espaço não se refere apenas à estrutura do estabelecimento, ela interfere ao horário, metodologia do trabalho, organização do espaço ou dos materiais, professores capacitados, entre outros segmentos.

Na Figura 8 são apresentados os dados da questão quanto a aceitação dos pais frente às aulas diferenciadas em sala de aula, se há ou não aprovação, incentivo ou não. Como resposta a esta questão os professores tinham as seguintes opções: aceitam ou não aceitam.

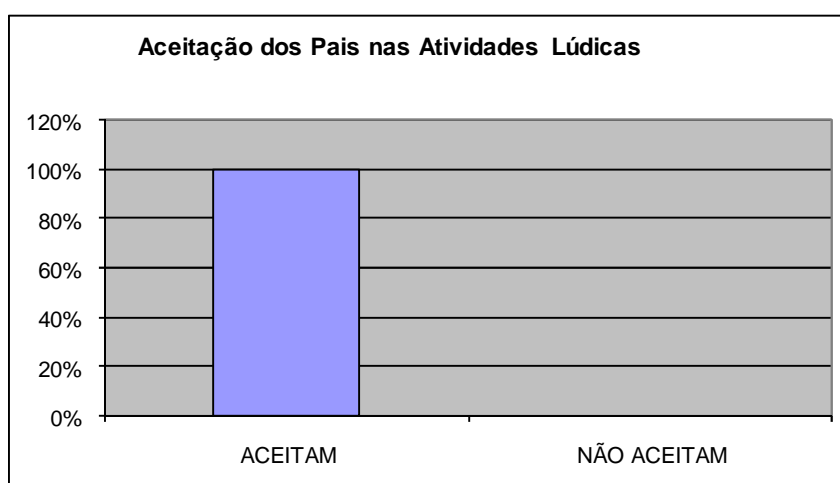


Figura 8 – Aceitação dos pais brincadeiras x aprendizagem.

Em relação da aceitação dos pais com as atividades lúdicas, 100% disseram que os pais aceitam bem, e ressaltam dizendo que muitos pais comentam sobre as atividades, onde as mesmas ajudam aos filhos desenvolverem-se melhor na interação com os colegas. Além disto, familiares, ao sentirem o entusiasmo de um familiar frente a uma atividade desenvolvida em sala de aula, geram um sentimento de um trabalho bem feito tanto para o ente quanto ao professor, mantenedor e sociedade.

Segundo Craidy (2002), a concepção de homem e sociedade envolvendo a liberdade do ser humano de auto determinar-se, buscar o conhecimento para a humanidade desenvolver-se, define a função da educação infantil que reflete no brincar considerado. Assim, os pais devem ter outra visão diante da escola, ao refletir sobre o passado. A criança que brinca sempre, com determinação auto ativa,

perseverando, esquecendo sua fadiga física, pode certamente tornar-se um homem determinado, capaz de auto sacrifício para a promoção do seu bem e de outros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES

A partir do estudo realizado, pôde-se verificar que as atividades lúdicas e diferenciadas atingem uma grande aceitação entre os alunos, e que isso gera uma grande rede de conquista pessoal do aluno, motivação dos professores, aceitação da comunidade e a possibilidade de crescimento da instituição.

Além disto, como observado durante as pesquisas, as aulas diferenciadas liberam a imaginação dos alunos, desenvolvem a criatividade ao mesmo tempo em que possibilitam exercícios de concentração e atenção, também ajudando no processo multidisciplinar. A aprendizagem acontece pela transformação e pela ação que o professor facilita no processo de busca que o aluno faz no seu momento de estudar.

O compromisso de reavaliar o processo de ensino aprendizagem como uma ação compartilhada, exige uma profunda reflexão dos educadores sobre suas práticas, valores contextuais e sonhos pessoais, reconhecendo que o aluno com dificuldades de aprendizagem em qualquer disciplina, como pessoa, é capaz de se apropriar ativamente do conhecimento, assegurado seu direito ao exercício da cidadania.

Portanto, ao analisar os resultados, fica claro esta importância das aulas diferenciadas para a motivação dos alunos em sala de aula, principalmente na química por se conhecida como uma disciplina tradicional, monótona e fragmentada.

6 CONCLUSÕES

Analisando-se os resultados, pode-se perceber que os alunos aceitam as aulas lúdicas, por serem aulas dinâmicas e menos tradicionais, sentindo-se mais motivados para entender os conteúdos de química, além de ajudar na interação professor-aluno e aluno-aluno.

Este trabalho foi de fundamental importância para a formação de educadores, pois possibilitou uma relação direta com a realidade de sala de aula. Desta forma proporcionou uma reciprocidade maior entre informações e experiências sobre a melhoria no ensino de química.

Diante a importância deste tema “Contextualização do Ensino de Química: Motivando Alunos de Ensino Médio”, obteve-se a conclusão que, cada vez mais devemos estar inteirados no cotidiano do compromisso com o aluno, incentivando, trabalhando de forma contextualizada, quando se tem uso de aulas práticas e mais dinâmicas, onde se possibilita aos alunos uma interação entre eles e com o próprio professor. Com isto, podem-se elaborar planos de aula de acordo com os anseios de cada turma, desenvolvendo sua capacidade de compreensão, análise, senso crítico e principalmente, alunos inseridos na sociedade de forma mais consciente e participativa.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso, **Jogos para a Estimulação das Múltiplas Inteligências**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- ARROIO, A. et al. **O show da química: motivando o interesse científico**. Química Nova, v.29, n.1, p.173-178, 2006.
- BROUGERE, Gilles. **A Criança e a Cultura Lúdica**. In: KISHIMOTO, T (org.). O brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira, 2002, p.19-32.
- BRASIL, MEC. **As Novas Diretrizes Curriculares que Mudam o Ensino Médio Brasileiro**, Brasília, 1998.
- BRASIL, MEC. **Em Aberto (Currículo: referenciais e tendências)**. INEP, Brasília, N.º 58, abril/jun. 1993.
- CARVALHO, Ivan de. *100 Tópicos Básicos Biologia*. Editora Ribas. 1º Edição - Maringá PR - 1997.
- CASTILHO, D. L.; SILVEIRA, K. P.; MACHADO, A. H. As aulas de Química como espaço de investigação e reflexão. *Química Nova na Escola*, n.9, p. 14 -17, 1999.
- CHATEAU, J. **O jogo e a criança**. Trad. Guido de Almeida. São Paulo: Summus (Ed. Original: 1954), 1987.
- CUNHA, M. B. **Jogos de Química: Desenvolvendo habilidades e socializando o grupo**. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE QUÍMICA, 12, 2004. Goiânia. *Anais...*, Goiânia, 2004.
- CRAIDY, Carmem e KAERCHER, Gládis E. **Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002
- DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL**. Lei n.º 9.394 e legislação correlata. Bauru: São Paulo: Endipro, 1997.
- FERREIRA, Idalina Ladeira, e CALDAS, Sarah P. Souza, **Atividades na Pré-escola**. 16ª ed. São Paulo: Saraiva, 1995.
- GUERRA, Marlene, **Recreação e Lazer**, Editora Sagra Luzatto, Porto Alegre, 1996.
- KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a Educação Infantil**. IN: Jogo, Brinquedo, Brincadeira e Educação. KISHIMOTO, T. M. (org). São Paulo, Cortez Editora , 4ª Edição, 1996.
- LIMA, E.G. **O revisitar de práticas docentes constituídos em torno do brincar infantil – focalizando a formação inicial**. Curitiba: XII ENDIPE, 2004.

LIMA, Regina Célia Villaça - **Recreação dos Alunos** - Editora Fapi - Vol. 9 - São Paulo: 1988.

MACEDO, L.; PETTY, A. L. S.; PASSOS, N. C. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MURCIA, J.A.M. **Aprendizagem através dos jogos**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**.- 10. ed. -São Paulo: Hucitec, 2007.

NARDIN, Inês Cristina Biazon. À disposição no site <http://educar.sc.usp.br/quimapoio/repolho.html>. 2011 - acessado dia: 15/01/2011.

NETO, Carlos Alberto Ferreira. **Motricidade e Jogo na Infância**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

NEVES, Mônica Araujo das, <http://www.xveneq2010.unb.br/resumos/R0558-1.pdf> **Influência dos jogos como atividades lúdicas no curso de formação de professores em Química do IFMA** (IC) , Karla Caroline Muniz de Araujo1 (IC), Maria Teresa Tavares Serejo1 (IC), Mariano Oscar Ibañez Rojas2 (PQ), Marcelo Moizinho Oliveira1 (PQ). 2010.

PARÂMETROS Curriculares Nacionais (PCN) – Ensino Médio; Ministério da Educação, 1999.

PIAGET, Jean - **A Construção de Real da Criança** - São Paulo: Cortez, 1989.

SANTANA, Eliana Moraes de, [Sites \[http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Arquivos_senept/anais/terca_tema1/TerxaTema1Artigo4.pdf\]\(http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Arquivos_senept/anais/terca_tema1/TerxaTema1Artigo4.pdf\) **A Influência de Atividades Lúdicas na Aprendizagem de Conceitos Químicos**, Universidade de São Paulo, Instituto de Física - Programa de Pós-Graduação Interunidades em Ensino de Ciências-Rua do Matão, Travessa R, 187. CEP: 05315-970 São Paulo – SP Sociedade Brasileira de Química \(SBQ\) 31ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química, 2010.](http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Arquivos_senept/anais/terca_tema1/TerxaTema1Artigo4.pdf)

SANTANA, Eliana Moraes de, <http://www.quimica.ufpr.br/eduquim/eneq2008/resumos/R0125-1.pdf>. **Daisy de Brito Rezende 2 (PQ) elianaquimica@usp.br** 1Programa de Pós-Graduação Interunidades em Ensino de Ciências, Universidade de São Paulo, 2010.

SANTOS, Carlos Antonio, **Jogos e Atividades Lúdicas: na alfabetização**. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

SOARES, M. H. F. B. **O Lúdico em Química: Jogos e atividades aplicados ao ensino de química**. São Paulo, SP, 2004. 209p. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal de São Carlos, UFSC, 2004.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Fontes, 1988.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade** – Rio de Janeiro: Imago, 1975.

APÊNDICE

1ª ATIVIDADE: QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS PROFESSORES

1) No seu ponto de vista quais as brincadeiras que mais ajudam a desenvolver a socialização e incentivos das crianças?

lúdica com regras sem regras

2) Você utilizaria jogos e brincadeiras educativas como ferramenta de trabalho?

Sim Não

Se sua resposta for sim, cite algumas brincadeiras ou jogos que você utiliza?

3) Como é a reação das crianças frente às atividades lúdicas trabalhada em sala de aula?

aceitam não aceitam questionam

4) Você como educadora recebe incentivo da instituição para trabalhar de forma lúdica em sala de aula? sim não

5) Na escola onde trabalha, a mesma dispõe de espaço e matérias adequados para o desenvolvimento de brincadeiras, como atividades dentro ou fora de sala de aula?

Não tem espaço Espaço Adequado
 Espaço improvisado ou adaptado Espaço insuficiente

6) Como você vê a aceitação dos pais em relação às atividades lúdicas trabalhadas em sala de aula?

tem boa aceitação não tem aceitação questionam